



MÍDIA X ESCOLA: EM PAUTA, A SEXUALIDADE

MEDIA X SCHOOL: ON THE AGENDA, THE SEXUALITY

Fernanda Amorim Accorsi¹

RESUMO: Este artigo objetiva problematizar a sexualidade exibida pela mídia e aquela que é trabalhada na escola. Partimos da premissa de que a sexualidade é algo inerente à vida e à saúde para refletir sobre como ocorre a educação dos corpos nas mensagens midiáticas e no conteúdo escolar. Consideramos que a educação não ocorre exclusivamente no espaço formal da escola, a mídia, entre outras esferas, também tem se encarregado de educar os sujeitos. Mas a escola e a mídia têm trabalhado sexualidade da mesma forma? Vimos que os padrões normativos de “ser homem” e “ser mulher” estão presentes tanto na mídia quanto na escola, também percebemos que ambas raramente colocam em xeque algumas “certezas sociais” como a heterossexualidade. Portanto, defendemos o fim de tabus no processo de ensino e aprendizagem em uma perspectiva de trabalho pedagógico que questione as formas sociais hegemônicas de tratar as diferenças culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia; escola; sexualidade.

ABSTRACT: This article aims to problematize sexuality displayed by the media and that it is worked at school. We assume that sexuality is something inherent to life and to health as it is to happen the education of bodies in media messages and in school contents. We consider that the education doesn't occurs exclusively inside the space of the school, the media, among others spheres, has also been charge of educating the students. But the school and the media have been worked the sexuality in the same way? We saw that the normatives standards of "being a man" and "being a woman" are present as much as in the media and in school, also we realize that both rarely put into a few "social certainties" such as heterosexuality. Therefore we defend the end of taboos in the process of teaching and learning from the perspective of educational work that questions the hegemonic social ways of dealing with cultural differences.

KEYWORDS: Media; School; Sexuality.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).



Introdução

O objetivo deste trabalho é problematizar a sexualidade exibida pela mídia e aquela que é trabalhada no espaço escolar. Consideramos que a escola e a mídia contribuem diretamente para a formação cultural do indivíduo, portanto suas práticas precisam ser foco de análise e reflexão constantes a fim de colaborar com a formação crítica dos sujeitos envolvidos. Prazer sexual, homossexualidade e camisinha são pautas cotidianas na mídia², fazem parte de diferentes meios de comunicação como *sites* de *internet*, revistas e programação televisiva. Por outro lado são tratados de forma tímida na escola, salvo nas aulas de ciência ou biologia.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997), um dos norteadores da educação brasileira desde 1997, apoiam o trabalho da sexualidade como tema transversal, isto é, pode ser abordada nas mais diferentes disciplinas do currículo escolar. Mas vemos que a escola tem restringido o tema da sexualidade à reprodução heterossexual e o corpo é visto numa perspectiva biológica e não social.

Se a sexualidade é inerente à vida e à saúde, conforme propõe os PCN, por que os/as profissionais da educação insistem em pedir que os/as alunos/as deixem sua sexualidade fora do espaço escolar? Vale lembrar que educar sexualmente não é verbalizar, mas, também, calar. Como produtora de cultura, a escola contém algumas representações de como meninos e meninas devem se comportar. Pensemos nas filas formadas pelos alunos/as, meninos de um lado, meninas de outro. Eis um exemplo clássico da separação e diferenciação dos sujeitos. Os livros didáticos e as aulas de educação física também compartilham da mesma máxima.

Vemos, neste cenário, algumas disparidades entre meninos e meninas. Um dos apontamentos trazidos por Ferreira (2006) trata da seguinte ideia: meninas precisam deixar evidentes suas potencialidades, enquanto os meninos podem ocultar seu potencial. Como

² Entendemos mídia como “conjunto dos meios de comunicação” (LAGE, 1999, p. 73).



se ser menino já bastasse para obter respeito aos seus conhecimentos na escola. Aos poucos professores/as e alunos/as vão aprendendo o que é de menino e o que é de menina e se um desses sujeitos comete algum deslize e age como o outro gênero é chamado a atenção, afinal fugiu dos parâmetros de comportamento do “ele” e do “ela”.

Na esfera da mídia, também observamos algumas normatizações corporais que ditam como mulheres e homens devem agir. Com o apoio teórico em Seffner (2006), afirmamos que a identidade dos indivíduos tem se alterado. Algumas condutas que antes eram tidas como exclusividade de determinado gênero são compartilhadas pelos dois. Um clássico exemplo disso são as meninas jogando futebol e os meninos participando ativamente das aulas de artes.

Na perspectiva discursiva de Seffner (2006), a identidade é alterável, seria um “apego temporário”. Homens e mulheres são educados/as a partir de uma referência central, que se trata da construção da heterossexualidade. Para ser aceito/a, o/a homem/mulher é avaliado/a conforme sua “proximidade com o modelo heterossexual [...]”, o que autor menciona como heteronormatividade (p. 86). Problematizar tais temas nos permite não apenas entender o outro, mas colocar em xeque algumas “certezas sociais”, como a de que a sexualidade precisa ser vivida com alguém do sexo oposto.

Louro (2003) explica que a escola realiza o que ela chama de pedagogia da sexualidade, cuja função é escolarizar o corpo em uma tendência pré-concebida, discipliná-lo para ser homem ou mulher, o que deixa marcas nos corpos mesmo depois da saída dos alunos do espaço escolar. Os/as professores/as reforçam essa conduta, pois culturalmente, a educação brasileira faz distinção entre corpo e mente, dando importância ao cognitivo e enclausurando o corpo em um padrão, “tal como ele deve ser” (MEYER, SOARES, 2008, p.7).

Na mídia, os cuidados corporais se articulam com o prazer, olhar para o espelho deve gerar a sensação de satisfação. As narrativas midiáticas têm promovido a aparência – e o comportamento “padrão” – como requisito para a obtenção do sucesso, seja profissional ou pessoal. Kehl escreveu “[...] fique atento, pois o corpo que você usa e ostenta vai dizer



quem você é. Pode determinar oportunidades de trabalho. Pode significar a chance de uma rápida ascensão social” (2004, p. 174).

O corpo na escola não se mostra diferente, existe uma normalização de corpos em busca de uma identidade hegemônica de uma cultura que preza pelo branco, masculino, heterossexual. Tensões pedagógicas e sociais ocorrem quando as questões de identidade de gênero e sexuais se mostram distintas daquelas consideradas “normais” e “aceitáveis” e são tratadas como “anormais” e “não naturais” (ALVARENGA;INGA, 2008).

É difícil mensurar o que o ser humano criou de melhor ao longo de sua existência. Logo, consideramos que existam várias culturas e não apenas uma superior e universal. Conseguimos, assim, depositar nossas reflexões sobre as mais diferentes manifestações culturais, principalmente sobre aquelas realizadas pelos grupos minoritários como os índios, os negros, as mulheres, as crianças de classe social menos favorecida. É importante ressaltar que quando mencionamos o termo “minorias” não tratamos necessariamente de quantidade, mas, sim, de voz ativa na sociedade (MACEDO, 2010).

Entendemos que cultura é o entrelace das práticas sociais, pelas quais os indivíduos fazem a história. São “[...] sentidos e valores que nascem entre as classes e grupos sociais diferentes, com base em suas relações e condições históricas, pelas quais eles lidam com suas condições de existência [...]” (HALL, 2003, p.133). A escola tem sido o local onde as crianças buscam aproximar-se da cultura da humanidade, é o espaço onde devem aprender e se tornar. Como pontua Macedo “[a]prender conhecimentos, procedimentos, valores e se tornar educados, cultos, trabalhadores, cidadãos” (2010, p.15).

Nas ciências naturais, os estudantes apreendem, mesmo que com certa timidez, os assuntos relacionados à sexualidade. Com a aproximação dos/as filhos/as do temido tema, os pais e educadores/as têm multiplicado a vigilância para que eles/as não façam nada precocemente, assim como explica Louro (2003, p. 18)

A evidência da sexualidade na mídia, nas roupas, nos shopping-centers, nas músicas, nos programas de TV e em outras múltiplas situações experimentadas pelas crianças e adolescentes vem alimentando o que



alguns chamam de "pânico moral". No centro das preocupações estão os pequenos. Paradoxalmente, as crianças são ameaçadas por tudo isso e, ao mesmo tempo, consideradas muito "sabidas" e, então, "perigosas", pois passam a conhecer e a fazer, muito cedo, coisas demais. Para muitos, elas não são, do ponto de vista sexual, "suficientemente infantis".

Fischer (2005), no artigo “Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura”, relata que para os jovens ouvidos em sua pesquisa, a mídia é fonte de comportamento sexual, que, segundo a autora, é cada vez mais precoce. Outro ponto que nos chama a atenção acerca da sexualidade é a postura dos sujeitos pesquisados pela autora, que tinham idades de 15 e 16 anos, ao apoiarem a atitude de uma personagem da telenovela *Mulheres Apaixonadas*, da Rede Globo, ao discriminar o relacionamento homossexual da filha. As contribuições de Fischer nos remetem a pensar: será esta cultura precoce e preconceituosa que a mídia tem disseminado?

Kellner (2001) nos ajuda a elucidar tal dúvida com suas pesquisas realizadas nos Estados Unidos. O autor menciona que as narrativas dos meios de comunicação colaboram para constituir a hegemonia, promovem o consentimento às imposições hegemônicas, que privilegiam um grupo em detrimento do outro. A cultura das imagens midiáticas corresponde à forma como os sujeitos veem o mundo. Portanto, a mídia exhibe e reforça comportamentos e distingue o que ela considera “próprio” e “impróprio” (p.84).

O autor defende uma abordagem multicultural da cultura na mídia, isto é, temas como sexo, preferência sexual, classe e gênero precisam ser levados em consideração a fim de compreender o outro, os demais e não somente o “eu”, porque, para ele, a mídia reproduz as ideologias das lutas políticas atuais. Estas que têm sido marcadas, também, pelos movimentos feminista, de liberdade de gênero e preferência sexual. Alvarega e Igna (2008) complementam esta vertente ao afirmarem que é preciso desconstruir a ideia de que existam apenas identidades construídas e perceber que há oportunidades de trânsito de identidades e até de transformação.



Numa perspectiva Sistêmica³ da Educação, o compromisso do/a professor/a vai além de transmitir o conhecimento científico, sendo responsável também pela formação dos corpos dos/as alunos/as, afinal as identidades dos estudantes estão em formação e silenciar sobre sexualidade também é educar. O/a professor/a é uma significativa representação para o/a estudante, o papel deste/a profissional não pode se abreviar à transmissão de saber e/ou padrões pré-estabelecidos. “[...] [E]nsinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação” (FREIRE, 2011, p. 36). A escola nos parece o espaço ideal para um aprender dialógico sobre a sexualidade, em que se repete as diferenças e conheça um pouco mais de si mesmo.

Quando houver receio em tratar os assuntos da diferença de gênero e da sexualidade na escola, a leitura crítica das mensagens midiáticas pode contribuir com a leitura da personalidade dos/as alunos/as. O que demanda atenção dos profissionais da educação ao conteúdo midiático, como nos evidencia Andrade (2008, p. 118)

As professoras e professores, ao estarem atentos às estratégias pedagógicas utilizadas pela mídia, e como esta busca interpelar os sujeitos, podem compreender, em alguma medida, a linguagem do corpo de alunos e alunas, e alguns dos significados que estas linguagens carregam. Podem discutir com o grupo os ensinamentos que a mídia produz e reproduz; podem pensar nos corpos presentes na escola e refletir sobre as marcas que carregam e os diferentes modos como essas marcas vão nomeando e identificando os sujeitos.

É deste modo que o/a professor/a vê o ser humano como um ser inacabado e pode utilizar as linguagens midiáticas para enriquecer suas didáticas, explorar novos pontos de vista e oferecer outros horizontes que não aqueles previamente estabelecidos pela sociedade que exclui o que se mostra diferente. Ao trabalhar o rompimento de correntes socialmente pré-estabelecidas que classificam os sujeitos e acabam, assim, descriminando aqueles que não se enquadram nos estereótipos, os/as professores/as realizam a leitura

³ Conforme Teruya (2006), a visão sistêmica, também chamada de holística, ecológica, contextualizada e global, compreende a educação em suas diferentes dimensões, como sociais, culturais, mentais, psicológicas, biológicas e físicas dos sujeitos.



crítica da cultura da mídia e constituem uma cultura de respeito à diferença no espaço escolar.

Vimos que os padrões de comportamento e estereótipos estão presentes tanto na mídia quanto na escola, percebemos que ambas raramente colocam em xeque algumas “certezas sociais” como a heterossexualidade. A cultura da mídia se aproxima da cultura da escola em diversos aspectos, entre eles vale ressaltar as formas de meninos e meninas agirem, para as duas esferas é preciso diferenciar o comportamento de cada um. Também revelamos que em algumas ocasiões os/as estudantes reforçam os preconceitos trazidos pela mídia, em que ela dissemina algo como “natural” e algo como “não natural”.

Os corpos escolares são silenciados, o/a professor/a não orienta uma educação para os corpos, pois apenas os considera do ponto de vista biológico e não com as marcas sociais que carregam, oriundas do contexto em que estão inseridos. Já na mídia, os corpos são tidos como objetos de desejo e satisfação, um “bom corpo” pode até gerar sucesso profissional, ressaltando a importância da aparência em uma sociedade marcada pelo consumo.

Considerações finais

Ao tentar responder a pergunta central deste texto se a sexualidade da mídia é a mesma sexualidade debatida na escola, não pretendíamos trazer uma resposta concreta, pelo contrário, intencionamos problematizar tais questões para evidenciar algumas das múltiplas formas de formação do sujeito e novos olhares acerca da sociedade em que vivemos. Consideramos válidos os conteúdos midiáticos que tratam de estereótipos se vistos pela perspectiva de discutir os padrões sociais. Portanto, apoiamos um cenário escolar onde os/as alunos/as possam sentir-se parte e serem respeitados tal como são. Nem sempre os estudantes irão enquadrar-se nos padrões e como educadores/as, precisamos refletir sobre isso.



A educação não é uma exclusividade da escola, os meios de comunicação, assim como outros artefatos, têm realizado uma educação dos/as receptores/as, mesmo por isso nos preocupamos em observar o que a mídia tem emitido e como ela tem tratado os sujeitos sociais. Uma educação dialética não pode acontecer em um único espaço reservado para o conhecimento, não pode se realizar apenas em uma via que vai da emissão para a recepção. Educar para a formação social e intelectual requer mais, pede uma via de mão dupla onde se perceba o saber, mas também o questione, avalie, re(pense) e, se necessário, faça rupturas.

É preciso enxergar as manifestações culturais observando também aqueles/as que são oprimidos/as por sua classe, sexualidade, raça e gênero. Para conseguir olhar a sociedade e a produção cultural desta forma é imprescindível distanciar-se de pudores e tabus e compreender que ideias opressivas também são capazes de influenciar pessoas.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Luiz Fernando Calage; IGNA, Maria Cláudia Dal. Corpo e sexualidade na escola: possibilidades esgotadas? *In*: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2008, p. 62-72.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. *In*: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2008, p.105 -120.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: www.mec.gov.br/sef/sef/pcn.shtm. Acesso em 04 de maio de 2012.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. Docentes, representações sobre relação de gênero e consequências sobre o cotidiano escolar. SOARES, Guiomar Freitas; SILVA, Meri Rosane Santos da; RIBEIRO, Paula Regina Costa (Orgs.): **Corpo, gênero e sexualidade**. Problematizando práticas educativas e culturais. Rio Grande/RS:Edit. da FURG, 2006, p.69-82.



FISCHER, R.M.B. Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. *Cadernos Cedes*, n. 65, jan./abr. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KEHL, Maria Rita. Com que corpo eu vou? *In*: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 174-179.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (7-34).

MACEDO, Elizabeth. “A cultura e a escola”. *In*: MISKOLCI, Richard (org.) **Marcas da Diferença no Ensino Escolar**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. *In*: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008, p. 5-16.

SEFFNER, Fernando. Cruzamento entre gênero e sexualidade na ótica da construção da(s) identidade(s) e da(s) diferença(s). SOARES, Guiomar Freitas; SILVA, Meri Rosane Santos da; RIBEIRO, Paula Regina Costa (Orgs.): **Corpo, gênero e sexualidade**. Problematizando práticas educativas e culturais. Rio Grande/RS:Edit. da FURG, 2006, p. 85-94.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática**: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação. Maringá: Eduem, 2006.



ISSN 1982-593
Vol 7 Nº 2 – 2013
18ª edição